

A PROPOSITO DO LEILÃO DA LIVRARIA AMEAL

Há cêrca de semanas, que, no palácio do Calhariz, a voz forte do leiloeiro, a uma senha breve de alfarrabista, ou bibliófilo, alagava de escudos um nome de fradinho, que compôs a crónica da sua Ordem, ou de poeta, que versejou na Côrte. Por vezes, a somma era tão alta que maravilha parece a pobre mão do escritor, do fundo dos tempos, mexer, tilintar tanto dinheiro. Alguns tiveram fome e os seus livros são pesados a ouro; outros foram ignorados nos seus dias e hoje são rebuscados com afinco.

Que sombra pôs na terra um Fr. António de Portalegre, «pobre frade de Sam Francisco» ou um Padre Gaspar dos Reis, que escreveram de Deus e dos Santos com pena cândida e apoucada? Ninguém os viu passar, e hoje causam a cobiça de uns e o enlêvo de outros.

São disputados, de certo, com ardor maior que a febre que os diabos puseram em lhes esfarripar as almas ou os anjos em conduzi-rem a mesma à mão direita de Deus Padre. Para isto nasceram os bibliófilos. Não zombem da sua mania: são os guardas vigilantes do Pantèon. Mercê deles, o morrão da candeia que a sabedoria ou a arte vai deixando de mortos para vivos não se extinguiu de todo, não se extinguirá, porventura, mais, enquanto a Terra fôr Terra. O bibliófilo adquire o livro, fecha-o a sete chaves, não lhe deita ôlho, a mais das vezes, que não seja para espreitar o anóbio ou o peixe-prata, mas, contas feitas de tanta avareza, o livro lá fica de ano para ano, de século para século, de eternidade para eternidade. Só por isto o bibliófilo é benemérito.

De resto o bibliófilo é a flôr dos coleccionadores. Por via de regra, é um senhor distinto, afável de ânimo, com uma cultura invulgar. O comércio dos livros dá-lhe mesmo maneiras: bondade, doçura, uma timidez que só os prejudica a êles, gostos sóbrios, uma vida interior que faz de suas almas um claustro, ou tôda uma sociedade morta.

Veste limpinho, mas modesto, pois que, aos fatos elegantes, antepõe uma bela encarnação de cimélio; não pratica a política; não tem paixão pelos desportos; não se interessa demais por mulheres; de ordinário lê pouco e, quando lê, são autores modernos. Estes servem-lhe às necessidades do espírito, os outros, são, como as baixelas de prata em casa fidalga, para encanto da vista e voluptuosidade da posse.

A sua mania compreende-se; um frontispício, entremeado de sanguíneo ou alegrado duma gravurinha, uma fôlha em gótico com capitulares historiadas, um sinal de impressor de alta fantazia, a mancha tipográfica de bela ordenança, as *cul de lampes*, são autênticas, reais belezas. Acrescente-se a isto o prestígio da idade, 300, 400, 500 anos, o fulgor dum nome, a magia da raridade e ter se há penetrado o fenómeno do bibliófilo.

Acoimam-no de parasita. De facto, pelo açambarcamento de espécies raras, pela reclusão a que submete os seus exemplares, tão em contra dos princípios democráticos que mandam difundir a luz do espírito, parasita parece ser. Foi êle, todavia, que preservou os velhos livros da desapareição. A sua função é transmitir; exerce-a; antes de serem criadas bibliotecas públicas, desde que Gutemberg descobriu os caracteres de fôrma, exerceu-a. Eu respeito-os e desculpo-lhes a avareza em guardar.

Entre nós, felizmente que a paixão é velha. D. Duarte cultivava-a. Bibliófilo de fama foi Camilo Castelo Branco, que livrou veneráveis in-folios de encartuchar foguetes e busca-pés nas oficinas dos fogueteiros. Camilo, porém, «cavava nas ruínas» livrescas. Sôbre os velhos alfarrábios compôs romances, narrativas, novelas de capa e espada que teem arrancado muita lágrima. Hoje, não raro, o bibliófilo desdobra-se em escritor. A entidade, assim, é tão perfeita que nem por inspiração do Espírito Santo.

O bibliófilo, às vezes, especialisa. Há quem

colecciono teatro; hebraica; sermonários; folklóre; crónica; médica. No ramo, há a fazenda cara e o barato. O caro é o livro em rimance, primeiras impressões nas línguas vivas, o incunábulo, as crónicas monásticas, a edição *princeps* dos príncipes nas letras. Em França e Alemanha, a literatura libertina atinge preços fabulosos. Há mesmo uma selecta *jaune*, literatura de *cocus*, *cocuards*, *cocuage* altamente cotada.

Os grandes livreiros Hirsemann e Rosenthal criaram departamentos; americana, asiática, napoleónica, ocultismo, etc. Estes, com o Maggs e Quaritch, em Londres, Njhof em Haia, Velschi em Florença, Gougy em Paris, são os Rotchid do livro. A praça flutua consuante a direcção que lhe imprimem. Em Portugal, os irmãos José dos Santos e Manuel dos Santos e João Coelho criaram a indústria que incontestavelmente exercem com honra.

Em seguida a leilões, que preparam e dirigem, êste da Livraria Ameal, depois da Livraria Azevedo e Samodães é o que mais galardão lhes acarreta e merecidos proventos. Só o catálogo ousa a manual. Completos, como êle, para a venda a preço fixo, temos folheado; para a venda em hasta, não crêmos que tenha havido.

A par com o livro velho, quer precioso por antiguidade, quer por virtudes próprias, as edições originaes, as tiragens especiais, vão valendo mancheias de dinheiro. O coleccionador alarga o seu campo, tende mesmo a desdobrar-se, adquirindo velhos e novos, que amanhã serão velhos. Sente que o seu capital está seguro, que deixa uma herança mais certa que propriedades urbanas ou papéis de credito. Se isso não é ainda a maré de rosas para os escritores de hoje, é um consôlo, o

consôlo de que terão a velar-lhes pelos tempos fora, e a calá los da traça, a mão fina e cuidadosa do bibliófilo.

Aquilino RIBEIRO.

*

A título de mera curiosidade, pois não poderão êsses preços servir de base a transacções sôbre quaisquer espécies iguais às citadas, damos em seguida uma nota dalguns dos mais altos lanços do leilão Ameal. Devêmo-la à amabilidade do livreiro Manuel dos Santos, cuja perícia nêstes assuntos é já clássica e agora tão saliente ingerência teve no referido leilão:

1. Abatz, ou Abata (Samuel ben Israel) — *Obrigaçam dos coraçoes...* Amsterdam, 543o (1670), 900\$00; 21. Afonso de Macedo (Diogo) — *Vida & milagres da gloriosa Raynha sancta Ysabel...* Coimbra, 1560, 1.000\$00; 38. Albuquerque (Affonso de) — *Commentarios...* Lisboa, 1576, 1.000\$00; 182. Avelar (André de) — *Reportorio dos tempos...* Coimbra, 1590, 1 250\$00; 217. Barbosa Machado (Diogo) — *Bibliotheca Lusitana...* Lisboa, 1741 59, 4.000\$00; 234. Barros (João de) — *Asia de Joam de Barros...* Lisboa, 1552, 2.200\$00; 239. Barros (João de) — *Ropica pnesma de...* 3.000\$00; 344. Brito Freire (Francisco de) — *Nova Lusitania, historia da Guerra brasílica...* Lisboa, 1675, 1.560\$00; 388. Camões (Luis de) — *Os Lusíadas...* Lisboa, 1572, 20.100\$00; 472. *Capitulos de cortes...* Lisboa, 1539, 1.350\$00; 499. *Copia de las Cartas que los Padres y hermanos de la Compañia de Jesus que andan*

en el Japon... Coimbra, 1565, 4.500#00; 500. *Cartas que os Padres...* Evora, 1598, 15.000#00; 617. *Coronica do Condestabre de Portugal Don Nuno alvarez Pereyra...* Lisboa, 1554, 4.000#00; 734. *Cronycarum...* Nuremberge, 1493, 9.000#00; 738. Cruz (Fr. Gaspar da) — *Tractado em que se cõtam muito por estêso as cousas da China...* Evura, 1569, 8.600#00; 972. Franco (P. Antonio) — *Imagem da Virtude...* Lisboa, 1714-19, 2.500#00; 1.077. Goes (Damião de) — *Chronica do Felicissimo Rei Dom Manuel...* Lisboa, 1566, 8.400#00; 1.244. Justinianus (Laurentius) — *Livro da regra...* Coimbra, 1531, 8.000#00; 1.304. Lavanha (João Baptista) — *Regimento nautico...* Lisboa, 1595, 4.000#00; 1.388. Lullus (Raymundus) — *Ars inventiva veritatis...* Valência, 1515, 3.500#00; 1.415. Magalhães Gandavo (Pero de) — *Regras que ensinam a maneira de escrever...* Lisboa, 1592, 7.000#00; 1.434. Marineus sculus (Lu-

cius) — *Cronica daragon...* Valencia, 1524, 12.500#00; 1.892. *Regimento de como os contadores das comarcas hão de prover...* Lisboa, 1539, 2.800#00; 1.905. *Regra & statutos da ordem de Santiago*, Lisboa, 1548, 2.200#00; 2.049. Rollin de Moura (Francisco Child) — *Dos novissimos de...* Lisboa, 1623, 2.500#00; 2.432. Valera (Diego de) — *La cronica de hyspaña*, Salamanca, 1493, 2.000#00.

E podemos acrescentar uma grata notícia: Gustavo de Matos Sequeira, em cujo espírito fino de homem de letras por igual influem a beleza das coisas dos nossos dias e a das coisas pretéritas, está trabalhando num catálogo dêste importante leilão, ilustrado profusamente e indo muito além da singela enunciação das espécies bibliográficas. Será, a bem dizer, acró-nica viva e scintilante dêsse notável acontecimento do mundo livreiro, com os perfis das figuras mais gradas e curiosas que nêle se agitaram, etc.